

nomos vem desde Oajuna até Tejupurú. À exceção das fazendas de gado do Marajó, esta ilha não tem estabelecimentos notáveis. O distrito de Muana tem seus moradores, que já podem formar uma boa villa.

Deus guarde a V. Ex.<sup>e</sup> muitos annos. Pará 1.<sup>o</sup> de Outubro de 1800. — Ill.<sup>ma</sup> e Ex.<sup>ma</sup> Sr. D. Francisco de Souza Coutinho. — Subdito de V. Ex.<sup>e</sup> José Simões de Carvalho,

## ETHNOGRAPHIA INDIGENA,

### LINGUAS, EMIGRAÇÕES, E ARCHEOLOGIA.

#### PADRÕES DE MARCOS DOS PRIMEIROS DESCOBRIDORES.

(Carta dirigida ao 1.<sup>o</sup> Secretario perpetuo do Instituto pelo socio correspondente o Sr. Francisco Adolpho de Varnhagen.

Madrid 1.<sup>o</sup> de Abril de 1849. — Ill.<sup>ma</sup> Sr. — Londo a Revista n.<sup>o</sup> 8 (nova serie) do nosso Instituto, a qual acabo de receber, encontro na acta da 180.<sup>a</sup> sessão uma proposta do nosso consocio o Sr. Dr. Freire Allemão, e aprovada pelo Instituto, assim de que se peçam das provincias algumas informações ácerca dos indigenas.

Interessado como estou na remessa de tais informações, peço a V. S.<sup>e</sup> me permitta deixar correr livremente a pena, expondo o que ora de roldão me ocorre a esse respeito.

O pouco que possuímos sobre tal assunto não procede de que os escriptores antigos e modernos se hajam esquecido de ocupar-se dos desgraçados indigenas: paginas e paginas lhes dedicam muitas, e sem embargo a sciencia ethnographica, a historia das raças, não adiantou com ellas um passo. Cançam-se uns a escrever os usos, costumes, industria e armas, que são quasi geraes a todas as raças áquem dos Andes e da Patagonia, e passam em claro os caracteres que poderiam concorrer à divisão das mesmas raças. Outros limitam-se a transmíttir-nos, ou repelir-nos certos nomes dissonantes, quo elles

julgam ser o suficiente para que todos lhe associem as idéias, os atributos de nacionalidade e de usos que elles tinham na mente. Nem que se tratasse de raças conhecidas por todos, e que fôra pesado descrever; v. gr. os Chins, os judeos, ou ainda os ciganos, etc. Quem nomeasse judeos ou ciganos poderia d'elles contar alguma especialidade mais característica que tivesse no paiz que se descrevesse; mas do mais supõe-se o leitor bastante instruído para se não necessitar referir historias do Talmud, etc. — Mas quando se tratam espécies menos vulgares, requerem-se mais explicações. Essas listas de nomes raros, que com os plágios dos escriptores pígeos se vão cada dia escrevendo de maneira mais adulterada, e parecendo mais barbas, sobretudo quando acompanhadas das fabulas que uns inventam e outros absurdamente repetem; essas listas, diziamos, não fazem mais que intimidar-nos, mostrando-nos o caminho com mais asperezas do que talvez elle tenha. Só Hervás, no seu grande trabalho sobre linguas americanas, nos dá os nomes de 51 nações brasilienses, que segundo elle nada tinham de comum com as tribus Tupis e Guarani; e isso além de mais 70, que deixava em pendencia se eram ou não d'esta ultima familia. Peis tanto d'estas como das primeiras, varias nações temos nós já apurado serem uma só, designadas com nomes ora escriptos com differente orthographia, ora inteiramente diferentes, procedendo do padrinho que os nomeou, isto é do romo que seguia o descobridor ou viajante, e da boa ou má intelligence com que elles estavam para com a raça indígena ou colonia, sua limitrophe por esse parte. Assim quando eram inimigos, designavam-as com alcunhas ultrajantes, o verdadeiro nome essa alcunha não devia sem injustiça ser considerado o nome da nação ou da raça. Assim sucedeu com o nome *Tapuia*, sobre que ainda hoje insiste a ignorância que haja sido o nome de uma grande nação, quando basta abrir qualquer dicionario ou vocabulario guarani para saber que *Tapuia* significa *barbaro*; por outra os Tupis davam aos seus inimigos o mesmo epitheto que os Romanos antigos, e ainda hoje em dia os Chins. Já o jesuita Simão de Vasconcellos (1633) nos deixou claramente expli-

cado que não havia tal nação *Tópua*; mas para nós a melhor prova d'esta verdade consiste no facto de chamarem os Tupis também à *Tópua* os Europeus seus contrários; v. gr. os Franceses, aos quais alguns denominavam *Tópuas-brancos*, ou *tupú-tinga*, como se vê a pag. 42 do Diccion. Brazil. imp. em Lisboa em 1795.

Cada vez me convenço mais de que para o estudo das raças indígenas nada nos pôde ser de mais socorro do que o conhecimento das suas línguas. Por isso mesmo não me poupo a trabalho para juntar tudo impresso ou manuscrito que vou encontrando a tal respeito, e nunca pensei que só áchreia da America do Sul se tivessem outr'ora publicado tão importantes obras.

E n'este logar tomo a liberdade de chamar a atenção da V. S.<sup>a</sup> sobre o que ahí, em sua presença, n'esso Instituto li, ponderei e propuz em sessão do 1.<sup>o</sup> de Agosto de 1840. Desde então tenho tido occasião de reformar-me mais nas mesmas opiniões; o que (seja dito de passo) não me sucederá muita vez, já pela natureza dos estudos sobre materiais inéditos que cada dia vou de novo descobrindo, já porque comecei demasiado jovem, já finalmente porque devo-me Deus de bastante docilidade e consciência para sacrificar á verdade histórica ou científica todo o sentimento de nescio amor próprio e vaidade. A propósito d'esses trabalhos, que foram impressos no numero 9 da *Revista*, e que hoje pela primeira vez li, depois que ahí os apresentei, rogo a V. S.<sup>a</sup> o favor de fazer publicar na mesma *Revista* as erratas contidas no papelinho junto.<sup>1</sup>

Quanto á mencionada proposta do Sr. Dr. Freire Allemão, já que o estudo do assunto (necessário base á historia da colonização e civilização do Brazil que ora redijo, e para que trabalho, como V. S.<sup>a</sup> sabe, vai para 15 anos) me tom d'ele feito conhecer os maiores tra-

<sup>1</sup> Erratas mais importantes a corrigir no tomo 3.<sup>o</sup> da *Revista* (1.<sup>a</sup> série).

- Pag. 55, linha 21, nações, leia-se nações.  
 • • • 23, diferentes, leia-se diffíceis.  
 • 56, • 5, mais, leia-se mais.  
 • • • 47, etnologia leia-se etymologia.  
 • 60, • 31, devem leia-se devem,

peços, procedentes sempre de se desconhecer a que família pertencesse a língua d'esta ou d'aquella raça, peço a V. S." que depois da devida venia ao autor da proposta, proponha em meu nome ao Instituto que admita o seguinte additamento a ella:

« Como expressa ou expressava cada uma das tribus indígenas da província as palavras seguintes, a saber: *sol*, *lha*, *fogo*, *água*, *a terra*, *peixe*, *mel*, *branco*, *preto*, *pé*, *mão*, *rir*, *chorar*, e finalmente os numeros até onde saibam ou soubessesem contar. »

Reduzi as palavras ao menor numero possível; mas com elles se poderá colher mais fructo, não só porque todas são de objectos frisantes, e não podem na mimica dar lugar a equívocos, que poderiam prejudicar a analyse fomentando combinações erradas, como porque sendo o trabalho menor haverá quem se promptilique mais a fazê-lo. Para evitar equívocos nem se quer comprehendi na lista os adjetivos *grande* e *pequeno*, e as idéias physiscas do *trovão*, *chuva*, etc., e as metaphysicas dos *diabos*, etc. — Também fura de grande vantagem saber como dizem os indígenas em sua língua *komm*, *cara*, *habitador*, *possuidor*, *família*, etc., e igualmente a significação verdadeira dos nomes das nações, v. gr. *Guatós*, *Charante*, *Jiporocas*, *Patachós*, etc. Mas não havendo que falar-se muito dos conhecimentos philologicos dos informantes, quasi propocho que se não addicionem; e pela mesma razão que nada se pergunta ácerea do artifício da língua, se bem seja esta parte tão importante para avançar o grau de barbaria dos povos. Em todo caso, de qualquer outro pedido que se faça, convirá redigir a perguntas nos termos bem precisos, que é o meio de sanar a impossibilidade que ha de fazer para as mesmas provinicias, com os pedidos, remessa do necessário criterio para que as respostas venham como se desejam. Quanto às palavras que acima nomeei não necessito dizer que se a relação pertencer à família tupica, devem as ditas palavras approximarse muito das seguintes: *coaracy*, *jacy*, *táta*, *yg*, *yby*, *pyra*, *yra*, *tinga*, *una*, *py*, *pó*, *pued*, *jacém*; e os numeros serão: *oyepe*, *morey*, *mocapyr*, etc. As perguntas ácereas dos usos dos indígenas poliam v. gr. reduzir-se às seguintes:

1.\* Se tem ou tinham os boiços, ventas e orelhas furadas? De que forma e de que substancia era o boloque que n'esses furos usavam?

2.\* Como trazem ou traziam o cabello.

3.\* Se dormem ou dormiam em redes ou no chão, e em que posição, se de lado ou de resupino.

Oxalá venham as respostas, e se publiquem, e já teremos avançado muito.

Durante a minha excursão pelo sertão colligi douz vocabularios; um dos Indios Guayanás de Guaruy proximo à Fachina, e outro de um piá que havia na villa de Curiúba, e que puz em contribuição ajudado pelo Sr. Bandeira e pelo meu amigo o Sr. Carrão, em casa de quem me achava hospedado. Se estão entre os meus papéis n'esta edição irão com esta carta, se bem que não devam achar-se em harmonia com o plano que acima proponho; serão porém mais abundantes e tão seguros como os pude colligir.

Se não revivesse converter-me à força de pedir em leigo franciscano, e ir prejudicar a urgencia e approvação do additamento de proposta que acima fago, eu acrescentaria aqui o pensamento de escrever o Instituto aos Srs. presidentes das províncias, pedindo-lhes concorram por sua parte para que nos museos provinciais ou estabelecimentos analogos, como são os jardins botânicos que possuem varias capitais da províncias, se reunam não só quanto possível os instrumentos e armas dos indígenas, mas principalmente os monumentos sepulcrais, como são os *ezanucis*. Nem se perderia nada que se reunissem antes em maior numero, pois a todo o tempo podem servir para enriquecer o estabelecimento por meio de trocas.

Convém que todos estejamos persuadidos que o nosso passado, o actual império mesmo, interessará tanto mais ás outras nações civilizadas e instruídas quanto mais longe podermos fazer remontar, não as fontes da nossa historia, mas os mythos de seus tempos heroicos, mas as inspirações de sua poesia.

Lembro-me de haver comunicado uma vez ao Instituto que no freguezia do Juiz-de-Fora em Minas encontrou o Sr. Hallel, na feitura

de uma estrada que durigia, um cemiterio que os trabalhadores iam a principio destruindo, mas que acudindo elle contava salvar algum *carruç* inteiro com talha { *iguacaba* } e tudo, e que o remetteria ao Instituto; o que não sei se levaria à execução depois da partida do Sr. Sturz, que era quem n'issu empenhava o seu amigo Halfel.

Na minha excursão para a banda dos campos de Guarapuava tive eu quem me informasse de que outros se encontravam por aquellas partes onde ha pequenos *itararés* ou ribeiros subterrâneos à maneira do rio d'este nome confluente do Paranapanema, e celebre pelo modo como por aquelles *lagendos* da itacolumite quartzoso se esconde, depois de ter regalado os olhos do sertanejo com a visão da magnifica curiosidade natural do *fusil*. Eses pequenos *itararés*, como lhes chamo, correndo a terra descobrem às vezes algumas *íbicoáras* ou sepulturas; se d'ahi não se puderem alcançar algumas mumias, convém ao menos haver a informação de como estão estas postas com referência aos pontos cardinais; pois se todas estivessem ao nascente, como na Bolivia, seria um indicio de adoração do sol. Confesso que quando shi passei não dava ainda a estas observações a devida importancia.

Outro capitulo quo merece exame são as *ita-oca*, ou casas de pedra, como aquelle nome está dizendo. Eu vi só uma á esquerda do enminho indo do bem situado povo da Ponta Grossa á freguezia da Palmaire, e já mui perto d'esta; mas confesso que ao tempo de ver la ao longe tales pedras com tal ou qual simetria, á maneira dos monumentos druidicos na Europa, e que até me davam ar de ruinas de uma antiga povoação sobre a encosta de uma montanha, tive quasi vergonha de torcer o caminho para me approximar d'ellas, quando vi que o meu guia ou camarada se ria de mim por ser mais um enganado com a *ita-oca*, que segundo elle não eram mais que unhas pedras que assim estavam por acaso. Então acreditei-o, tanto mais que ainda n'outros lugares a natureza da rocha da montanha se prestava a tales caprichos; pôde ser mesmo que o meu camarada tivesse razão; mas confessó que depois que li na preziosa *collection*

inglesa de Purchas outra cousa similar com o nome de *Etaora* ( isto é, com o mesmíssimo nome attendendo a que o é inglez só a ) fizeram-me apprehensões, que outros mais afortunados poderão desvanecer em cartas que a nossa *Revista* publicue. Eu desde já peço muito ao meu amigo o Sr. Carrão que seja elle quem faça este serviço.

Não creia V. S.<sup>a</sup> de tudo isto que sonho com cidades encantadas, e que sou da opinião que se devem buscar como quem busca ouro. Não senhor: tanto mais que eu sou d'aqueles que crê que o ouro não se deve buscar, mas que deve elle aparecer, e sei que por seguir opinião diferente muita gente se tem perdido. Mas não está em mim, que vi com meus olhos { passa o pleonasm } cobertos de alussimmo mato virgeu os restos de um colossal *summaqui* ou ostreira; isto é de um grande monte ou pyramide conica feita de cascas de estras, que serviam de mausoléu a muitas ossadas humanas, não está em mim, digo, deixar de ter fé e fô vivo em que um dia o acaso fará descobrir n'alguns pontos da vasta extensão do Brasil alguns monumentos de outra geração anterior, e mais civilizada que a raça degenerada, pela maior parte botocuda e cannibal, que Deus não permitiu que continuasse por mais tempo a honorear sem proveito tão obrigados portos, tão ricas minas, terras tão productivas, paiz todo em sim tão importante quo viria a estender a esphera dos conhecimentos humanos, e fazer os nossos similhantes cada vez mais dignos de adorar o Creador pelassus obras. Pois que ! É por ventura verosímil que essa raça, que deixou tão acabados monumentos em Carangas, no Canar, no lago da Titicaca e em Tiquanaco, se era aessa só habitadora das montanhas, não seguisse pelas cordilheiras e chapadas que separam as vertentes do Amazonas das do Prata até as serras d'Aguapéhy e dos Parecis ? E se não eram só habitadores de montanhas, é possível crer-se que os conquistadores de Cozco não hajassen alguma vez o Manuré ou o Pileumayo ?

Repto: não sou visionário; mas toda a razão não é bastante acoito para destruir certas convicções infundias, a que cada um poderá

dar o nome que queira, mas que existem. Meu ponto de contacto se nota nas sepulturas ou *camacás* do Brazil com as *chulpas*, *açâncos* ou mumias dos Aimarás : é a posição acocorada que n'uns e outros tem os cadáveres.... Os meus estudos até hoje levam-me á conjectura ( que talvez ainda modifique com novos dados que encontre ) de que a raça tupica , que os descobridores europeos encontraram na costa septentrional a parte da oriental do Brazil, e que como está de todo averiguado era ali uma raça não autoctona , mas conquistadora; levam-me, dizia, á conjectura de que a mesma raça tupica não invadiu do sul para o norte, e de que não era o Paraguay, como desde Hervas tem pretendido os ethnographos d'esta parte, o primitivo solo d'onde era aborigena essa raça invasora , cuja língua tão suave nenhuma comparação tinha com todas as outras que nas imediações do Prata se encontravam, sempre asperas e guttulares como todas as línguas do paizes mais frios. A língua guarani, tão parenta da omagua, nasceu com esta nas margens dos grandes rios tropicais Orenoco e Amazonas com seus possantes braços ; circunstância que fez de seus habitantes um povo navegador. E não o digo pelo facto de terem as diferentes famílias dos Tupis perseguidas pelos novos colonos conquistadores voltado como por instinto a refugiar-se no patrio ninho, onde em grande parte ainda se conservam ; mas tão pouco me é permitido reduzir a uma discussão critica esta carta que a V. S.<sup>a</sup> escravo , e que já se vai alongando. Direi só em resumo que pelo que hoje sei os Tupis e Guarani invadiram do norte para o sul, aproveitando-se da grande vantagem de suas canoas ou marinha de guerra; foram os antigos Normandos d'esse território, os Jasons e argonautas da sua mythologia. E a invasão não só a fizermos pelo mar seguindo pelo Maranhão ; mas pelos rios Madeira, Tapajós, &c., baixando depois de novo pelo Paraguay e Parani. É pois da raça anterior á esta, ou ainda d'alguma mais antiga, que eu tenho fé de que se encontrarão vestígios.

E quem nos diz que no nosso territorio, onde a vegetação é tão fértil, árvores seculares ornadas de caraguatás e d'orchideas, espessos mato virgens embargados de cipós, bromélias e astrocaryas,

não cobrem hoje esses monumentos, que na Bolivia estavam patentes, por isso mesmo que ficavam em lugares onde quasi não havia arvores? Repito: eu que vi altissimos jequitibás e tão fortes begonias a melaxilosas, cujas raízes vestiam sem penetrar um monte d'ostras cortado a pique (porque aquellas se estavam tirando para fazer cal), creio tudo possível. Mas que não se abuse de tal crença; convém estar prevenido para seguir a pista d'algum indicio, mas perder o tempo e o dinheiro a procurar de maneira alguma. As roças e as aberturas de estradas serão n'este sentido os verdadeiros exploradores.

Aos scepticos que não se abalassem com tais considerações acerca d'estes monumentos, que chamaroi, se quizerem, fabulosos ou mythologicos, pediria ou que ao menos se dedicasssem a salvar outros monumentos historicos que temos, se bem que menos poeticos e insignificantes, mais reais e positivos. Fallo dos padrões de marmore pesados ao longo da costa pelos primeiros exploradores, e depois pelos donatarios. Se algum dos primitivos existir deve n'ele ver-se a esphera armilar do felix D. Manoel. Era uma curiosidade que valia bem a pena salvar, se ainda for possível: — sei que valem pouco; mas quem tem pouco deve guardal-o para a posteridade, se não se quiser que esta fique sem nada.

Tentado pela curiosidade á vista da menção que de um d'estes padrões, situado em um pontal defronte da ilha da Cananéia, faz o Paulista Fr. Gaspar (p. 32), lui em pessoa ao local em Janeiro de 1841, e não encontrei ahi um só, mas tres padrões, apenas com as quinas, e seu espiro, nem castellos, nem a data. Acompanhou-me a examinal-os um pouco ao sul da barra da Cananéia o Sr. major Oliveira, e um de seus filhos que viva ahi perto, e a quem eu fôra recommendedo por um dos amigos de meu pai, o Sr. Raphael Tobias de Aguiar.

Os padrões eram signos; estavam juntos, um ao meio, com seus deus tenentes aos lados; d'estes um tinha cabido e estava lá inui no fundo, onde o levava o rolo do mar que o cobria, tendo já sujo de ostras e sururuís. Lá o deixámos em paz. Lembro-me que o meu exame foi tão minucioso que até descubri as pernitas das

que se tinham brocado, ou antes aberto a picareta no rochedo, afim de poderem n'este segurar sem resvalar os pés da cabrilha que tiveram que armar para içar aquelles. De tudo o que vimos e examinámos se lavrou um auto a meu pedido, declarando que não havia em tales padrões esculpidas nem esferas, nem data, como por sua conta afirmou Cazal (T. 1.<sup>a</sup> pag. 227 e 228), assignando-lhe a éca de 1503; o que nunca pude acreditar ainda antes de lá ir desenganar-me, como V. S.<sup>a</sup> deduzirá da nota que em 1839 escrevi no llin das pags. 90 e 91 do *Diario de Souza*; e aqui sinto ter que recordar como o meu illustre amigo, que traduziu em francez o mesmo *Diario*, se enganou n'esta como em alguns outros pontos. A inspecção d'estes padrões fazem desapparecer mais um argumento dos levantados n'este seculo para perseguir a memoria de Amerigo Vespucci, que tanto tem padecido por uma injustiça para que, como está provado, elle nada concorreu, havendo sido pelo contrario grande amigo de Colombo, segundo este mesmo declara em carta a seu filho.

Esse auto que lavrámos não o tenho aqui: guardo-o em Pariz com os outros documentos que deverão neampañhar a seguinte edição do mencionado *Diario*. E só por isso o não mando, estando persuadido, como estou, que convém cuidar do assumpto. Contudo facil seria a V. S.<sup>a</sup> obter da Cananéa outro auto, que daria mais força ao meu: se bem que o melhor seria que um de nossos consocios proporia ao Instituto, e este peça ao Governo, como reliquia historica, os tales padrões, que são de finissimo marmore branco, verdadeiro calcareo sacharoide, o que dá a conhecer quo foi tirado da pedreiras visinhas a terrenos volcânicos. A tales padrões se poderia ahí, ou no Poco Imperial, dar qualquer destino que não prejudicasse a face lavrada.

Em todo o caso é de importancia consignar-se nos annais do Instituto o facto de que não ha em tales padrões data alguma, e quanto a mim foram ahí deixados por Martim Afonso, cuja armada se demorou maz e meio n'esse porto.

Perdise V. S.<sup>a</sup> tanta extensão; mas nem eu mesmo esperava, se

começar a carta , ter chegado até aqui. A proposito de monumentos ; considero eu sel-o de outra especie a *Narrativa da viagem ao Brazil* por Fernão Cardim , que publiquei , e da qual o Instituto já terá recebido o exemplar que lhe destinei. Consagrei essa publicação , como declaro na primeira pagina d'ella :

*À memoria do conego Januario da Cunha Barboza pelos seus importantes desvelos para fomentar os trabalhos e publicações litterarias no Brazil.*

Foi o primeiro tributo que pude render a um dos fundadores d'esse Instituto , o illustre antecessor de V. S.<sup>a</sup> O Conego Januario não escreveu obras , que levem seu nome ás nações estranhas ; tão pouco foi ministro que dirigisse os negocios do Estado ; mas apesar d'isso fez grandes serviços , que á nossa gratidão pertence reconhecer. O conego Januario foi o Corrêa da Serra do Brazil.

Terminei finalmente pedindo a V. S.<sup>a</sup> tribute minha submissão a esse Instituto , e aceite as expressões reiteradas da minha estima e consideração.

III.<sup>mo</sup> Sr. Manoel Ferreira Lagos , 1.<sup>o</sup> Secretario perpetuo do Instituto Historico e Geographico Brasileiro. — *Francisco Adolpho de Varnhagen.*

P. S. Sinto ajuntar que não tenho aqui os meus dous glossarios , que devem achar-se com outros livros e papeis , que não trouxe á esta corte para evitar grande excesso de peso de bagagem ; mas será facil pelo Sr. barão de Antonina , ou pelo Sr. Carrão , obter outros mais completos d'aquellas partes.

---